



Revista de História

ISSN: 0034-8309

revistahistoria@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Gomes Nogueira, Magali
O "OBRADOR" DO JUDEU CRESQUES ABRAHAM. UM ESTUDO SOBRE A
CARTOGRAFIA MEDIEVAL MAIORQUINA (SÉCULO XIV)

Revista de História, núm. 176, 2017, pp. 1-24

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285049822024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O “OBRADOR” DO JUDEU CRESQUES ABRAHAM. UM ESTUDO SOBRE A CARTOGRAFIA MEDIEVAL MAIORQUINA (SÉCULO XIV)

Contato
Caixa postal 464
18130-970 – São Roque – São Paulo
magaligomesnogueira@gmail.com

Magali Gomes Nogueira*

Universidade de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brasil

Resumo

A partir de dados do cotidiano da comunidade judaica existente na ilha de Maiorca durante o século XIV, produtora de grande parte dos exemplares remanescente da cartografia medieval convencionada como Portulano, entre eles o Manuscrito Espanhol 50, mais conhecido como Atlas catalão, o presente artigo tem como objetivo compreender a forma organizacional que permitiu esta produção assim como os tipos de materiais e conhecimentos necessários para sua execução e se essa organização produtiva pode embasar o conceito de escola cartográfica maiorquina, frequentemente utilizado pelos historiadores da cartografia. A expressão obrador, na Catalunha medieval, abrange o espaço em que a matéria prima é transformada, não compreendendo apenas um local individual, mas, na maioria das vezes, vários espaços contíguos que viabilizam várias etapas da produção.

Palavras-chave

Cartografia histórica – cultura judaica – cultura material.

* Bacharel pelo departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre e doutora em Geografia pela mesma instituição, onde realiza pós-doutorado junto ao Departamento de História – sob orientação da profa. dra. Iris Kantor (sem bolsa de estudo e sem vínculos com a universidade).

THE "OBRADOR" OF THE JEWISH CRESQUES ABRAHAM. A STUDY OF MEDIEVAL MAJORCAN CARTOGRAPHY (XIV CENTURY)

Contact
Caixa postal 464
18130-970 – São Roque – São Paulo
magaligomesnogueira@gmail.com

Magali Gomes Nogueira

Universidade de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brazil

Abstract

This article is based on daily life data of the Jewish community on the island of Majorca during the 14th century, which produced most of the surviving examples of medieval cartography that was agreed to call as *Portulano*, and among them the *Espagnol Manuscript 30*, better known as *Catalan Atlas*. It pretends to understand the organizational form that allowed this production as well as types of materials and necessary knowledge for its execution and if this productive organization can support the concept of the Majorcan cartographic school, frequently used by cartography historians. The expression "obrador" in medieval Catalonia covers the space in which the raw material is transformed, not only in an individual place, but covering, in most cases, several contiguous spaces that makes viable several stages of production.

Keywords

Historical cartography – Jewish culture – material culture.

Introdução

A expressão cartografia medieval maiorquina abrange a produção de objetos cartográficos construídos a partir do que se convencionou chamar padrão Portulano (século XII/XIII), considerado pela historiografia como precursor da cartografia científica renascentista, materializada na projeção de Mercator no final do século XVI. Este acervo é composto basicamente de cartas Portulano simples,¹ produzidas na ilha a partir de meados do século XIV, e de algumas cartas de luxo, entre elas um mapa Portulano em abertura do ecúmeno que ilustra o Manuscrito Espanhol 30² (Ms. Esp. 30) de 1375, mais conhecido como Atlas catalão, carro chefe da produção maiorquina, cuja autoria é atribuída a Cresques Abraham e a seu filho Jafuda Cresques.

A produção maiorquina deste padrão tem antecedentes teóricos em alguns manuscritos elaborados entre a Inglaterra e o norte da França, como o Ms 92 Ghent (séc. XII), conhecido como *Liber Floridus*,³ e uma produção conhecida como sendo elaborada pela escola cartográfica italiana, por serem exemplares confeccionados nas cidades mercantis de Pisa, Genova e Veneza (séculos XII/XIII). Estes dois principais ramos da produção Portulano (italiano e maiorquino) apresentam semelhanças quanto ao padrão da carta matriz, ainda que com constantes aperfeiçoamentos em termos de precisão e alcance dos pontos registrados e diferenças quanto às iconografia e escrita utilizada.

Entre as diversas questões que o estudo da cartografia medieval tem suscitado, como a própria concepção do padrão Portulano, o estabelecimento do termo *escola* para classificar as unidades desta produção cartográfica, forjado basicamente a partir de meados do século XIX, quando esses objetos começaram a ser estudados e editados, atualmente tem sido alvo de várias

¹ Definições tipológicas são encontradas em PUJADES I BATALLER, Ramon Juan. Les cartes Portolanes. La representació medieval d'una mar solcada. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 2008. REY PASTOR, José. La cartografia mallorquina. Madri: CSIC, 1960 e NOGUEIRA, M. G. *O Manuscrito Espanhol 30 e a família do judeu Cresques Abraham. Um estudo sobre as fontes da cartografia maiorquina (sec. XIII-XIV)*. Tese de doutorado, Cartografia Histórica, Geografia, FFLCH, USP, 2013. O acervo de cartas Portulano maiorquinas não ultrapassa três dezenas.

² Não optamos pela utilização da denominação corrente Atlas catalão para o referido Manuscrito por compreender tratar-se de uma carta plana do ecúmeno acompanhada de textos cosmológicos e cosmográficos, não compondo, portanto, um atlas por não possuir cartas parciais; além disso, a designação de catalão, pela língua em que foi escrito, é questionada por historiadores que consideram o objeto como sendo de origem judaica maiorquina.

³ Ms. 92. Ghent. *Liber Floridus* 1121 Ghent City Museum. In: COENE, Karen de; MAYER, Philippe de; REU, Martine. *Liber Floridus 1121: The world in a book*. University Library: Lanoo Publishers (Acc), 2011.

interpretações e críticas por parte de seus historiadores. Não temos dados mais concretos sobre as primeiras menções da expressão “escola cartográfica maiorquina”. Sabe-se que Buchon,⁴ quando da primeira edição do Ms. Esp. 30, levantou a possibilidade de existir uma escola de cartógrafos em Maiorca e que esta escola seria a base do conhecimento produzido em Sagres, através do personagem Jaime Ribes, mesmo nome de converso do filho de Cresques Abraham.⁵ Hoje esta hipótese encontra-se descartada, pois a morte de Jafuda Cresques encontra-se documentada em 1410, portanto, anterior aos eventos henriquinos. A designação de “escolas” a estes centros produtores foi enfatizada e ganhou destaque, com certo cunho nacionalista, a partir da produção historiográfica pós-Segunda Guerra Mundial buscando trazer para o plano local os méritos dessa produção científica⁶ relacionando as bandeiras e brasões identificando senhores e territórios às nações modernas.

Neste artigo, a partir de documentos que revelam o dia a dia da comunidade maiorquina produtora e o sistema organizacional que suporta esta produção, pretende-se acrescentar dados à discussão estabelecida sobre o termo escola cartográfica maiorquina e melhor compreender as relações socioculturais estabelecidas a partir do material cartográfico, cosmográfico e cosmológico sintetizado no Ms. Esp. 30. Para tanto, considerou-se a definição adotada pela Associação Cartográfica Internacional,⁷ segundo a qual a cartografia compreende

...o conjunto dos estudos e das operações científicas, artísticas e técnicas que intervêm a partir de resultados de observações diretas ou da exploração de uma documentação, em vista da elaboração e do estabelecimento de mapas, planos e outros modos de expressão, assim como sua utilização na identificação do fato ou situações.

A partir disso, procurou-se entender de que maneira o contexto de produção no qual se encontrava inserido o suposto autor do Ms. Esp. 30

⁴ BUCHON, Jean Alexandre. Notice d'un atlas en langue catalane manuscrit de l'an 1375 conservé parmi les manuscrits de la Bibliothèque Royale sous le numéro 6816. B. N. F. Edição bilíngue catalão-francês, com uma reprodução *facsimile* do mapa do ecúmeno constante do Ms. Espagnol 30, 1838.

⁵ RANDLES, William Graham Lister. The alleged nautical scholl founded in the fifteenth century at Sagres by prince Henry of the Portugal, called the “Navigator”. *Imago Mundi*, vol. 45, Taylor & Francis Group., 1993, p. 20–28, informa que a primeira menção à Escola de Navegação em Sagres foi feita por Samuel Purchas (1577–1628), mencionando a presença de Jaime Ribes (Jafuda Cresques).

⁶ Mais detalhes sobre essa interessante relação em GARCIA, João Carlos. Um castelo de cartas antigas. In: COELHO, Teresa Pinto (coord.). *Os descobrimentos portugueses no mundo de língua inglesa (1880-1972)*. Lisboa: Edições Colibri, 2005 (Coleção Relações Luso-Britânicas).

⁷ Várias são as indicações. Citamos JOLY, Fernand. *A cartografia*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus/ Presses Universitaires de France, 1990 [1ª edição 1985], p. 9.

poderia ser encaixado na definição de “equipe cartográfica”: um grupo de artistas, técnicos e cientistas que formariam um “laboratório de cartografia”, em que os conhecimentos cosmográficos poderiam ser lidos por técnicos instrumentistas e transformados por artesãos em imagens do mundo que permitissem o deslocamento espacial e preparassem os navegantes para interagir no espaço visitado. Quais seriam seus equipamentos, materiais e quais ofícios poderiam aí ser exercidos e quais suas relações institucionais e comerciais são algumas das questões aqui pensadas.

O contexto da produção

O contexto desta produção encontra-se extremamente vinculado à formação da Catalunha e à aliança catalã-aragonesa que, durante o século XIV, após tomar das mãos almoravidas o controle das ilhas Baleares (século XIII), expande seu comércio marítimo pelo Mediterrâneo conseguindo garantir “consulados” em direção ao Oriente, controlando Sicília, Córsega e abrindo o estreito de Gibraltar em direção ao Atlântico norte e sul, culminando com a conquista das Canárias. Pedro IV, o Cerimonioso de Aragão (1336/1387), será o grande incentivador desta produção, tornando obrigatório o uso do “kit navegação”,⁸ ou seja, todo navio sob sua jurisdição deveria transportar dois mapas (para anotações de observações e medidas), bússolas e compassos.

Segundo Fall,⁹ este decreto real, que vem acompanhado de concessões de títulos de familiares reais a vários membros da comunidade judaica maiorquina, foi uma forma de compensação pelo apoio financeiro que essa comunidade deu às pretensões de conquistas da Coroa de Aragão, principalmente das ilhas Canárias, permitindo visualizar, dessa maneira, um triângulo entre a Coroa de Aragão, a comunidade judaica maiorquina e a expansão do conhecimento geográfico e cartográfico em relação ao Atlântico e a consequente produção material de objetos cartográficos em grande escala. A exigência de que se utilizassem cartas de navegar e instrumentos náuticos supõe a existência de uma produção bem mais barata e acessível a uma população de marinheiros, pilotos e trabalhadores relacionados ao comércio marítimo de uma maneira geral, que não teriam possibilidades de

⁸ Termo cunhado por PUJADES I BATALLER, Ramon Juan. *La carta de Gabriel de Vallseca de 1439*. Barcelona: Lumenartis, 2009.

⁹ FALL Yoro. K. *LAfrique à la naissance de la cartographie moderne. Les cartes majorquines: XIV-XV siècles*. Paris: Karthala, 1982.

comprar exemplares de luxo. Pode ser pensado também como um primeiro projeto de editoração cartográfica.

A relação entre a Coroa de Aragão e os produtores das cartas Portulano foi constante ao longo do século XIV. Em 1338, com 19 anos e rei há dois, Pedro IV de Aragão ordena a seu governador no Reino de Valência que contrate um pintor¹⁰ para reproduzir esquematicamente um dos dois mapas que se encontravam com o bispo da cidade. No mesmo ano manda uma ordem de pagamento para que seu tesoureiro compre, na ilha de Maiorca, três relógios e um mapa-múndi, entre outros objetos. Em 1379, através do infante João, solicitou ao governador de Maiorca que procurasse na ilha um mapa-múndi bonito e que o adquirisse. Se não fosse encontrado pronto que o fizessem e lhe enviassem o mais rápido possível. É de 1381 a carta solicitando a Cresques que envie o mapa, provavelmente o Ms. Esp. 30, para presentear o rei da França. Cresques Abraham viaja a Barcelona e recebe do rei três licenças ou privilégios mencionando os serviços prestados como mestre de mapas-múndi e cinco decretos a seu favor, entre eles a extensão do título de familiar real a seu filho Jafuda Cresques¹¹ que estaria então com 21 anos.

Em 1382, o rei comprou um mapa-múndi colocado em painéis de madeira do mestre Cresques Abraham, pagando 140 florins de ouro de Aragão, ordenando ao governador de Maiorca que providenciasse para que Cresques pudesse comprar a carne que necessitasse do açougueiro e que terminasse os trabalhos e mapas-múndi que fazia para o rei. Sendo a família de Cresques relacionada à escrituraria, pode-se pensar que os privilégios em relação aos animais de corte fossem motivados pelo couro e não pela carne em si.

A família de Cresques chega à ilha logo após a conquista desta por Jaime I (1229), oriundos da Provença. De imediato, encontram-se relacionados à sinagoga, à cobrança de impostos e à função de secretários da comunidade, exercendo o papel de intermediários entre a família real e sua comunidade, algumas vezes ficando mal com ambos. Cresques,¹² nos documentos reais, é

¹⁰ ACA. Can, Reg. 1055, fol. 29 r.

¹¹ ACA. Can, Reg. 1442, fol. 78v -79, r. 18.09.1380.

¹² Em seu estudo, Riera I Sans realiza uma estatística das vezes em que, na documentação recolhida, é mencionado Cresques Abraham e sua profissão. Computou 21 documentos em que ocorrem essas referências. Entre os 15 que mencionam sua ocupação, sete o apresentam como “mestre em mapa-múndi” e dois, como produtor de bússolas (*bruxoiler*); três referem a ele como autor de mapa-múndi comissionado ou comprado pelo príncipe João. RIERA I SANS, Juan. Cresques Abraham, jeue de Mallorca, mestre de mapamundis i de bruixolas. In: *L'Atlas català*. Barcelona: Diafora S. A., 1975, p. 20-57. Disponível em: www.cresquesproject.net.

apontado como mestre de *cartas de marear* e *mestre de bússolas*. Seu filho Jafuda era considerado um grande matemático e também aparece como mestre de cartas. Mora em um horto próximo à rua do Templo, em uma grande casa no bairro judeu, doada a Cresques Abraham por seu pai,¹³ Abraham Vidal, filho de Vital Cresques, judeu maiorquino, em troca de serviços de escriturária em várias áreas. Essa carta de doação, feita em caráter irrevogável, fala de uma propriedade que Abraham Vidal possuía em frente à sinagoga de Maiorca, delimitada pelas propriedades de Abraffim Benissach Benchaim, Jucef Faquim e com passagem a “*dicte scole*” (a sinagoga). Consta também entre suas propriedades uma hospedaria, que naquele momento pode ser entendida como local para receber viajantes ou doentes e idosos da comunidade, que ficaria no mesmo quarteirão da sinagoga e da casa de Cresques.

Eram vizinhos no horto ocupado por Cresques outros familiares reais com funções bem específicas como o comerciante de couros (*curritore de collo*) Guilherme Rosselli e Bernardo Verdera, alfaiate (*sutore Maioricarum*); em outra divisa com o horto estava Michaelis Avinyo, transformador de metais (*guixerii*) e, na parte a caminho de Inca, Stephani Borrasil, barbeiro; em outra divisa estava Nicholai Cotonerii, cognome relacionado a tecidos ou papéis de pano.

A composição dos moradores deste horto, basicamente de obradores em atividades afins, comerciantes de couros, metal, tecidos, escribas e pintores, sugere uma rede de alguma maneira familiar, com atividades complementares e etapas de produção. Completando a rede, podemos citar uma constante relação de casamentos entre os homens da família de Cresques Abraham e as mulheres da família Natjar, importante família judaica, ativa na ilha desde os tempos da dominação almorávida e poderosos comerciantes de couro e seus derivados. Pode-se então pensar que no horto (quarteirão) em que mora Cresques haveria elementos suficientes para a produção dos suportes para a representação cartográfica (como pergaminhos para as cartas de luxo e papel para os *kits*) e para a produção de bússolas, compostas de agulha imantada em caixa de metal e compassos.

O privilégio (1368) em que foi concedida a familiaridade à Cresques Abraham merece destaque. É um documento da Chancelaria¹⁴ estendendo vários direitos como imunidade, privilégios, favores, prerrogativas e honras

¹³ ACM. Not. n. 14621, s.f. de 13.01.1361. Disponível em: www.cresques.net.com.

¹⁴ ACA. Canc. Reg.1426, fol. 74r-v, Barcelona, 13.01.1368.

exclusivos de familiares reais aos judeus Andrea Reyál, *paratore pannorum*¹⁵ *majoricarum*, e a Cresques Abraham, *judeo majoricarum, magistro buxolarum et mapamundi*. Outros judeus familiares reais foram Aron Cohén (1372), por sua posição de físico real, Bellshom Caracosa (1374), mestre de armas e matemático, Maymó Faraig (1381), mercador de Maiorca, Isaach Nafuci (1381), mestre em astrolábios, Salomó Bonfill de Peralada, físico e, finalmente, Jucef Faquim e seu filho Mossé Faquim (1390), físicos e mercadores, apresentados por Riera I Sans¹⁶ como sendo da importante família de mercadores de couro Natjar.

Riera I Sans afirma que Cresques pintava rosas dos ventos nos fundos dos compassos, com tinta insolúvel e indelével para garantir a orientação durante a viagem. Esta habilidade com pincéis e tintas também teria sido utilizada na iluminura das cartas Portulano. O título de “mestre” viria desta habilidade, não se podendo estendê-lo ao ofício de cartógrafo ou a outras atividades relacionadas às ciências náuticas ou astronômicas. Hipótese reforçada pelo fato de Cresques Abraham ter sido o iluminador da Bíblia Farhi.¹⁷ Sua assinatura, nessa importante bíblia escrita em hebreu, dá-nos uma nova dimensão sobre Cresques Abraham, pois o apresenta como filho e neto de rabinos, conhecedor do hebraico e leis talmúdicas, relacionado aos nomes Benveniste e Elisha, tradicionais na produção filosófica da comunidade judaica sefardita. Segundo Riera i Sanz,¹⁸ Cresques Abraham teria levado 16 anos para a confecção desta bíblia. Considerando os argumentos deste autor, conclui-se que essa bíblia e o Manuscrito Espanhol 30 foram feitos no mesmo período, o que implicaria uma equipe para sua produção.

A relação da família com a escriturária e a iluminura manifesta-se em pelo menos duas outras grandes obras: encontra-se no Arquivo da Coroa de Aragão (ACA), sob a assinatura Códex 08, datado de 1341, o Livro dos privilégios e franquias de Maiorca, encomendado pela Casa Real à Bernat Blanquer, seu escriba, com iluminuras de Jucef Vidal, provável tio de Cresques Abraham e, no Arquivo do Reino de Maiorca (ARM), sob a assinatura Códex 01, encomendado pelos jurados da cidade de Maiorca a Romeu de Poal, oriundo

¹⁵ O ofício de *paratore pannorum* pode ser entendido como preparador de panos. O preparador de panos pode ser o trabalhador com a função de esticar os panos preparando-os para tingimento ou alisamento. A expressão *panno* pode ser empregada tanto para o tecido em metros como para as folhas feitas de trapos de panos, utilizados como papel.

¹⁶ RIERA I SANS, Juan, op. cit., 1975.

¹⁷ Bíblia Farhi: manuscrito 38 da Coleção Sasoon, datado em 28 de julho de 1382. Contém 129 iluminuras de folha inteira com 29 arabescos e nove miniaturas do templo de Salomão.

¹⁸ RIERA I SANS, Juan, op. cit., 1975.

de Manresa, outro Livro de privilégios e franquias de Maiorca, este conhecido como o *Llibre dels reis*, com iluminuras provavelmente de Joan Loert.

Em interessante estudo comparativo entre as duas obras, Llompart Moragues¹⁹ afirma que, devido às guerras travadas pelo rei de Aragão contra Gênova e Marrocos na década de 30 do século XIV, ocorreram muitos mal-entendidos fiscais entre o rei, a universalidade e a *aljama* de Maiorca, que se estenderam por todo o século. Por isso, tanto o rei como a universalidade providenciaram novas recompilações dos antigos privilégios constantes do Livro de repartimento e do Livro de franquias editados por Jaime I quando da conquista, assim como suas atualizações e novos ordenamentos ocorridos ao longo do século. É do mesmo período a proposta de realização do Código Pueyo,²⁰ com os ordenamentos relativos à comunidade judaica. As três ordens, rei, universalidade e comunidade judaica, organizam e editam, de acordo com seus interesses, a história do relacionamento jurídico existente entre elas.

Na comparação pictórica entre os estilos, Llompart i Moragues não aponta muitas semelhanças, considerando apenas o segundo de qualidade superior. Estabelece relações entre Maiorca e Romeu de Manresa, através de seu filho, aprendiz dos pintores dos retábulos da catedral de Maiorca. Romeu de Manresa, que organiza o Códex 01, também manteve relações com a família de Cresques, pois, em 1340, aparece como testemunha a favor de Jucef Vidal, iluminador do Códice 08, então aprendiz do notário maiorquino Joan Tauler, para quem Romeu trabalhava.

Estabelecendo redes, Joan Loert, o provável iluminador do Códex 01 do ARM, encontra-se documentado como dono de obrador, vendendo grande quantidade de pigmentos à catedral de Maiorca. Joan Loert teria sido, então, o pintor das iluminuras do Códice 01 e comerciante de pigmentos em Maiorca.

Outra indicação de Llompart i Moragues é a hipótese levantada por Bohigas²¹ de que o iluminador Vidal Abraham (tio de Cresques Abraham) teria participado da elaboração das leis palatinas, promulgadas em Maiorca em 1337 pelo então rei Jaime III de Maiorca, solicitando que uma das cópias

¹⁹ LLOMPART I MORAGUES, Gabriel. Estudi historicoartistic. In: URGELL DE HERNANDEZ, Ricard (dir.). *Llibre dels reis: Llibre de franqueses i privilegis de Mallorca. Códex 1 de l'Arxiu del Regne de Mallorca: estudis i transcripció*. Palma de Mallorca: Universidad Illes Balears, 2010, p. 111-141.

²⁰ Código Pueyo: manuscrito em que foram compilados os ordenamentos estabelecidos em relação à comunidade judaica entre 1328-1387 por notários do Reino de Maiorca. O documento mais antigo data de 1247. FITA, Fidel. Privilégios hebreos mallorquines en el Códice Pueyo. *Boletim de la Real Academia de Història*, n. 36, 1900.

²¹ LLOMPART I MORAGUES, Hernandez: Estudi historicoartistic, op. cit., p. 111-141.

fosse iluminada para ser dada de presente ao rei da França. Hipótese viável, uma vez que nesse momento Jaime III tentava se reaproximar de seu antigo aliado. Neste sentido, Roth²² afirma, sugerindo um aprofundamento da pesquisa, que a iluminação do Códice 11.101, sob a guarda da Public Library of Leningrad (moderna São Petersburgo) teria sido feita pela mesma pessoa que fez a Bíblia Farhi (Cresques Abraham), comprovando a forte participação da família na produção de manuscritos iluminados do período.

O termo “mestre” em um obrador medieval carrega em si a autoridade máxima do ofício, dando-lhe o direito de ter aprendiz e participar das assembleias da comunidade, além da certificação de cidadão. Certamente o mestre Cresques Abraham figura entre os mestres mais reputados do momento uma vez que é um familiar real, dispensado de usar a “roda” – símbolo distintivo dos judeus, sendo obrigatório seu uso em todos os momentos de tensão entre sua comunidade e a cristã. Encontram-se registrados dois casos de aprendiz em seu obrador com o documento de concessão de tutela²³ realizada por Astruch de Montecalbo em 1368 para que seu neto, Bonjuha, filho de Moxiní Gatbay, permaneça junto a Cresques Abraham durante o período de seis anos, ou seja, para servi-lo em seus negócios e para que aprenda a ler, escrever e o ofício.

Em catalão o termo *bruixola* pode ser traduzido tanto como *bússola* terrestre ou marítima e por *compasso*, dois instrumentos diferenciados, mas intimamente relacionados na prática marítima do século XIV. Para Riera i Sanz,²⁴ o termo *bruixoler* não pode significar produtor de compassos, definindo compasso medieval como uma simples lata ou caixa de madeira cheia de água, em que o *compasso* ou *agulha magnética* flutua e pode mover-se livremente. Observa-se aqui diferenciação no emprego do termo *compasso*: como a agulha imantada que forma a bússola e como o instrumento que permite medir e transferir as medidas entre os ângulos, um dos mecanismos disponíveis para a localização no espaço, dentro da estrutura de redes de direções que caracteriza o padrão Portulano maiorquino. Na Carta magrebina,²⁵ usa-se a expressão “folha de compasso” para se referir ao fundo de mapa em que se realizavam as medidas para conferir as localizações, o que em cartografia é conhecido como matriz ou padrão.

²² ROTH, Cecil. A master of medieval Spanish-Jewish art in the Kennicot Bible. *Sefarad*, XII, Madrid-Barcelona, 1952.

²³ ACM. Not. n. 14632, s.f. de 12.09.1368.

²⁴ RIERA I SANS, Juan, op. cit., 1975.

²⁵ Carta magrebina. 1330. Apresenta um conhecimento do mundo mais extenso do que o da Carta pisana. FALL, Yoro, op. cit., 1982, p. 14. A informação está referenciada ao viajante Ibn Kaldun.

Os documentos também revelam a importância de Cresques Abraham como, por exemplo, a concessão de *uma licença e um especial favor sem expectativas de retorno para a construção de um banho público para homens e mulheres na casa de Cresques*.²⁶ Especial favor que se desdobrará em polêmica produzindo documentos concentrados no ano de 1381. Essa concessão virá acompanhada de uma autorização para a ampliação da largura do cano de água que abastecia a propriedade. Tal autorização coincide com um verão seco, gerando denúncias quanto ao abuso no uso da água, pois com a construção de um reservatório, fechou-se a distribuição de água na fonte da cidade, deixando apenas

...um cano de pedra o qual corria à caixa de En Axona e o mercado de Santo Antonio de Pádua e de En Blanchas e do Mercadal e do forno de En Candler (vendedor ou produtor de cera) e o Templo e ao bebedor do Templo e ao horto de En Cresques, judeu produtor de bússolas e vai por toda a judiaria e a Santa Clara e aos tingidores e curtidores. E que não fique fechado...²⁷

profissões todas que necessitam de muita água, relacionadas à produção de tecidos, pergaminhos e, talvez, papel de pano, vizinhos no quarteirão de Cresques.

Em 1381, expande-se a licença para o uso da água da fonte da vila, aumentando mais uma vez o diâmetro do cano, agora pagando indenização ao castelo pela perda da água e sendo necessária a aprovação do Conselho da cidade. É o ano em que Jacob Corsino, astrólogo, é contratado por Pedro IV de Aragão para atualizar as tábuas astronômicas de Barcelona e Perpignan e na qual consta registrada a única viagem que se conhece de Cresques Abraham para fora da ilha, em direção a Barcelona, por alguns meses.

Por esta reunião de ofícios em torno de Cresques Abraham pode-se pensar que, ainda que pintor, ele não se encontra isolado produzindo desenhos em bússolas. Faz parte de personagens relacionadas às várias famílias importantes da comunidade, exercendo atividades relacionadas às várias etapas de produção de um objeto cartográfico assim como de sua circulação e utilização. Porém, uma produção cartográfica precisa de outros elementos.

²⁶ ACA, Canc, Reg. 1686, fol. 90r. 12.07.138.

²⁷ ACA. 05.09.1381 Citado por RIERA I SANS, Juan, op. cit., 1975, p. 144, sem apresentar o documento completo. A expressão En não se traduz, tem o sentido de artigo para nomes próprios masculinos ou como um título de cortesia.

A produção do conhecimento

Entre a documentação relativa ao período e à família de Cresques Abraham encontra-se um inventário, o “Inventari de la heretat y libreria del metje juheu Jahuda o Lleó Mosconi”²⁸ de 1375, mesma data atribuída ao Ms. Esp. 30.

Este interessante documento, editado por Aquiló em 1903, acrescido de contribuições por parte de especialistas como Israel Levi e M. Steinschneider, fornece ao pesquisador um mundo de possibilidades investigativas. O senhor Lleó Mosconis, sujeito do inventário, é apresentado por Pedro IV de Aragão, quando o torna um familiar real, como tendo sido antes Jahuda Mosconi, judeu maiorquino, físico, médico, nascido em Okrida, na Turquia europeia, considerado cidadão presente em Maiorca, onde casou e morreu. Aparece em outros documentos como comerciante de livros e papéis e, segundo Kayserling,²⁹ possivelmente seja Joseph Caspi, importante estudioso da liturgia hebraica.

Entre os objetos característicos de uma família judaica e rica, constam do inventário 153 livros, escritos em várias línguas, descritos de maneira a que se percebam diferenças de materiais e de valor como “*Livros de papireum; de pergameneos e caros pergaminhos Biblae*”, indicando que, na ilha, foram utilizados vários tipos de suportes pelos copistas, notários e escritores em geral, assim como encadernações em vários estilos, sendo o material descrito de qualidade. Da relação dos objetos cotidianos constantes na casa destaca-se um escritório, um astrolábio, uma balança de precisão, vários sacos de couro ou linho com pedras de várias cores, prováveis pigmentos, folhas de prata, ouro, couros de carneiro, unguentos e produtos tintoriais.

Este inventário vem acompanhado de uma relação de compradores e produtos, acrescentando à relação de membros da comunidade profissões como físico, médico, matemático, astrônomo e astrólogo, todos familiares reais. Entre os compradores, encontram-se vários dos nomes já citados como fazendo parte da rede familiar de Cresques, como **Aron Abdalhach**, **Moxinus Abdalhac**, Moxinus Abraam, Jucefus Alatzar, Faraig ben Allon, Bonjuha Bofyl, Alafea Cohen, **magister Aron Cohen**, magister Aron Cohen Sullam,

²⁸ AGUILÓ, Estanilas. Inventari de la heretat y libreria del metje juheu o Lleó Mosconi. *Boletín de la Sociedad Arqueológica Luliana*, X. 1903, 1375, p. 80–91, 106–112, 140–151 y 196bis. Reprodução do artigo publicado na *Revue des Études Juives*, XXXIX, 1899; XXXX, 1900; XXXXII, 1901. Com participação de Israel Levi e M. Steinschneider e M. Kayserling.

²⁹ AGUILÓ, E., op. cit., idem, ibidem, 1903.

Maymonus Dareg, Natan Doscha, Belshom Efraym, Samuel Faquim, Magaluf ben Faro, Samuel Jucef, Samuel Levi, **magister Leo**, rabi Bione Del Mestre, Sayt Milli, Magalufus Natgar, Maymouns Natgar, Moxinus Natgar, Samuel Natgar, Abraham Ses Portes, Mahir Sason, Menaben Sisi, Maymouns Xulelli, filho de Abrafim, além do próprio Cresques Abraham e seu filho Jafuda, destacando-se em negrito os familiares reais. Vários destes nomes já constam do Livro de repartimento (1232), primeiro documento que estabelece uma relação dos locais existentes na ilha e sua partilha entre os conquistadores.

Analisando esta lista constata-se ser composta pelas personalidades mais importantes da comunidade judaica sefardita, que se encontrava em Maiorca em meados do século XIV, como rabinos, mercadores, sábios e artesãos. Kayserling realiza leitura dos nomes procurando identificar os personagens através de outros nomes e documentos. Assim, “*Struchus Durandi, judeus majoricam*” seria Cemáh Duran, pai do célebre rabino Simon ben Cemáh ou Astruch Duran, que trabalhou a questão do comércio judeu em suas *Respon-sas*, transferindo-se para Alger, a cidade “*catalanoparlante*”, após 1391.³⁰ Bellshom Ephraym, (Ephraim Bellshom), cujos conhecimentos matemáticos são louvados por Simon Duran, comprador da obra astronômica de Abraham B. *Hyga*, e do comentário de Al-Farabi sobre livro de Aristóteles. Jafuda Cresques, com reputação de hábil cartógrafo e matemático, aparece como comprador de *Ben há mèlek we-há-nazir (Barlaam e Joasaf)*, uma adaptação judaica da lenda de Buda, escrita em ritmo de prosa por Abraham ibn Hasday de Barcelona no século XII e uma cópia do *Sefer Ha-Olam*, um popular tratado de astrologia de Ibn Ezra que também esclarece sobre o uso do astrolábio. Apresenta a família Natjar como sendo a dos judeus mais ricos da ilha e Abraham Ses Ports como sendo o “*naguid*” (príncipe), que se estabeleceu em Tlencem após 1391.

Cresques Abraham consta como comprador de *Laqutot*, ou compilação da Haggadot, *Adné Kesef*, de Joseph Caspi, comentário místico da bíblia do século XIV e mais quatro obras não identificadas, reforçando a característica de pessoa relacionada à tradição religiosa, como seu pai e avô, conforme assinatura na Bíblia Fahri. Aparece também exercendo a função de teste-

³⁰ Após as expulsões sofridas na Inglaterra (1290), França (1306) e com a proliferação da peste nos anos 50 do século XIV, iniciou-se um processo de matanças e expulsões culminado pelos massacres de 1391, ano em que a maioria das comunidades da península Ibérica foi atingida por ações violentas, inclusive em Maiorca que verá seus principais estudiosos marcharem em direção a Portugal, norte da África e outras localidades.

munha na disputa entre dois judeus, um físico e o outro astrólogo, sobre a posse de seis livros.

Pela documentação consultada, a atividade cultural na “*aljama*”⁵¹ de Maiorca é considerada, pelo número de bibliotecas que estão sendo identificadas entre seus moradores, como bastante intensa. Ali nasceram ou estiveram documentados famosos rabinos e talmudistas. Entre médicos célebres temos Ahar’n Abdalhac, Yehudá Mosconi (ou Leo Grech), médico de Pedro IV, o mesmo do inventário acima. Os astrônomos Ishaq Nifoci, os irmãos En Bellshom Efraim e R. Vidal Efraim Geruni e os Cresques possuíam boas bibliotecas para o padrão da época, como documentado no estudo de E. Alquiló (1903). Encontram-se referências a Vidal Cresca Caslari, em Avignon, em 1327 como poeta e físico, Mayr Cresques, “magister”, morto em 1380 entre os físicos de Perpignan; outro judeu com o mesmo título “magister”, Crescas, aparece contratado por vinte florins de ouro como pagamento por serviços médicos prestados em 1396 na cidade de Marselha. E, talvez o mais conhecido, o filósofo Hasday Cresques (Barcelona, 1340 e Zaragoza, 1410–11) que, com sua crítica ao sistema aristotélico, abre novos horizontes científicos ao questionar a centralidade da Terra e a não possibilidade de existência do espaço vazio.

Outra importante biblioteca identificada em Maiorca foi a de Mossé Almaterí.⁵² Documentado como mercador, prestamista, talmudista e especialista em direito hebreu, com atividades registradas em Játiva, Valência e Maiorca e posição econômica vantajosa, Mossé Almaterí (Játiva, 1310–Maiorca, 1362) revela, em inventário parcial de seus bens, ser possuidor de 139 livros escritos em hebraico. O nome Almaterí aparece também em documentos da época de Pedro, o Grande, documentado como *batle* (arrecadador de imposto) e, em 1312, encontra-se documentado Jucef Almaterí em Játiva, obtendo imunidade fiscal de Jaime II. Seu pai, Isaach Almaterí, também é considerado judeu de Játiva, onde, em 1280, consta documentado como *baile* (também relacionado à arrecadação de impostos). Com grafia um pouco diferenciada, encontramos Mossé Almarel em 1353, como parte do Conselho

⁵¹ A palavra árabe *aljama* tem sua origem relacionada à ideia de mesquita e com esse sentido é utilizada pelos estudiosos da cultura árabe. Porém, durante o período em questão na península Ibérica, o termo também é utilizado para designar a comunidade judaica, quando esta possuía instituições necessárias à autonomia administrativa e cultural como sinagogas, rabinos, cemitério, banhos rituais etc.

⁵² RIERA I SANS, Juan. Cent trenta-nou volums de llibres d’un jueu mercader i talmudista: Mossé Almaterí (1362). *Sefarad*, vol. 68, n. 1, Barcelona, jan. –jun. 2008, p. 15–35. Disponível em: www.sefard.com. Acesso em: 17.01.2012

de Inca, Maiorca, no intrincado processo para a delimitação de um local para o bairro judaico. Em 1359, recebe o título de familiar real.³³ É interessante lembrar que Játiva foi o local escolhido pelos árabes para a implantação da primeira fábrica de papel na península Ibérica. A escolha se deveu à abundância de água e ao plantio de linho na região. A qualidade do papel de Játiva é destacada em vários momentos da história, levando Pedro IV de Aragão, em 1338, a ordenar que o papel produzido sob sua jurisdição mantivesse a qualidade do papel de Játiva.

Dentre os vários fatos documentados relacionando-o com a família real e o direito hebreu, pode-se destacar a recomendação feita pelo rei Pedro IV ao governador de Maiorca para que utilizasse os conhecimentos de Almarel na resolução de conflitos entre Jafuda Abenfarro, judeu de Valência, e Benveniste Abencaceç, quanto a questões do rito judaico. Na documentação relativa a suas atividades como mercador, encontram-se produtos como vidro de Damasco, gala, brasil, índigo, madeira, panos, couros e outras peças como joias e guarnições para cavalaria³⁴ e a indicação de Bonjuha Cohén como agente de vendas em Valência.

Na relação dos livros desta biblioteca, considerada por Riera i Sans³⁵ não tão sistemática e acurada como a de Leon Mosconis, são descritos alguns aspectos interessantes das obras, como tipo de letras (“açuri” ou quadrada, “tirada” ou discursiva local, “masch” ou cursiva oriental e “francesa” ou cursiva centro-europeia); suporte (pergaminho, velino e papel); tipo de capa (material e cor), indicando que foram escritos em idioma hebreu, diferenciado “em algaravia” (aljamiado hebraico-árabe) e “*em pla*”, designação comum do catalão vulgar. A maioria é de matéria bíblica e talmúdica, textos e comentários, sendo boa parte textos de Maimônides.

Com um acervo “científico” mais discreto do que o de Leon Mosconis, o inventário de Almateri reforça a existência de obras de caráter astrológico e matemático, confirma a forte presença de Abraham ibn Ezra e Maimônides entre as leituras da ilha e aponta para a existência efetiva de uma produção intelectual a partir da obra *Orhot Hayyim*, aí composta por Aharon Há-Cohén.

³³ ACA, Canc, Reg. 1165, fol. 81r-v. Maiorca, 31.07.1359.

³⁴ RIERA I SANS, Juan, op. cit., 1975, p. 21. “*El material de comerç que l’inventari descriu en tercer lloc es compon de dos contenidors (techas magnas estibades) plens de vidre de Damasc, i matèria prima de tintoria: un costal d’indi, un costalet de brazil, fustet, i cinc arroves de gala (fins a 52 kg), amb tres llosses o culleres grans, tres conques, dues paelles, dues gerres envernissades, i dues portadores plenes de frasques domèstiques*”.

³⁵ Juan Riera I Sans, op. cit., 1975.

A produção cartográfica maiorquiana

Entre os exemplares remanescentes de cartas Portulano alguns são assinados e outros anônimos, sendo a maioria grafada sobre pergaminho. A bibliografia selecionada é concordante na afirmação de que a primeira manifestação cartográfica documentada em Maiorca foi a carta Portulano de Angelino Dulcetti, assinada e datada “*ano M CCC XXXVIII, de mense augusti, in civitate Maioricarum*”, que apresenta um padrão toponímico e um programa pictórico bastante semelhante aos padrões italianos, comum à cartografia de Pietro Vesconte, apresentando aperfeiçoamentos no desenho do litoral do Atlântico norte, assim como novos topônimos. Sua iconografia assemelha-se à do Manuscrito Espagnol 30. Também é comum considerar como sendo da mesma pessoa a carta Portulano, datada de 1330, constante da coleção do príncipe Corsini, sob a custódia da Biblioteca Nacional de Florença, assinada como Dalorto. A grafia do nome do cartógrafo aparece na bibliografia consultada com variações: Dulcetti, Dalorto, Dulcerti. De origem italiana, provavelmente genovês,⁵⁶ documentado em Maiorca entre os meses de agosto de 1344 até janeiro de 1345, constando que sua casa estava situada: “na rua de En Comes da paróquia de São Nicolau, na Cidade de Maiorca, quer dizer, a área onde se localizavam os mercadores genoveses, muitos deles naturalizados como maiorquinos e, portanto, intitulavam-se cidadão de Maiorca, como faz Dulcetti”.⁵⁷

A terceira carta, sob a custódia da British Library, Londres, a ele atribuída por Campbell, foi identificada pelas características de seu programa pictórico e da escrita em letra gótica minúscula chanceleresca segura e caligráfica, alternando a capital em vermelho e azul, próxima a que usavam os notários públicos do Mediterrâneo. Pujades i Bataller,⁵⁸ a partir das comparações entre os três exemplares, assim descreve este personagem, analisando suas cartas:

Todas estas coisas unidas a certo erro teológico importante (afirma que Jesus aparece a Moisés) preenchido com um ranço erudito (Geraldus Cambresis, Isidoro etc.) apontam para um personagem laico, porém com conhecimentos mais sólidos do que a simples

⁵⁶ PUJADE I BATALLER, Ramon Juan, op. cit., 2008a. Em nota afirma que são escritores italianos que defendem a condição genovesa de Dulcetti, entre eles Heinrich Winter (1954) que usa como indício uma legenda existente na carta de 1339 feita em Maiorca: “*Itallia. Hec est regio magna. Inter omnes autem regiones Europe occidentalis optinet principatum. Insula enim habet nobiles et portus maris insignes (...)*”, p. 26.

⁵⁷ PUJADE I BATALLER, Ramon Juan. La fascinació per l’Atles català. In: *El mon i els dies. L’Atles català*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, SAU, 2008, cap. I, p. 26.

⁵⁸ PUJADES I BATALLER, op. cit., 2008, p. 27.

alfabetização em vulgar. Estamos diante de um profissional da escriturária não universitária, que conhece os rudimentos da gramática, mas que não a domina e por isso mesmo, pela maneira como escreve, demonstra possuir um tipo de formação próxima a de um notário. Além do mais, era um excelente iluminador e, provavelmente, trabalhava em um obrador. Esta última faceta se evidencia particularmente na citada Carta de 1359, na qual a decoração não é um aspecto marginal que pudesse ter sido desenvolvida *a posteriori*, encontrando-se perfeitamente integrada com as legendas explicativas e a colocação das toponímias da carta.

Em suas pesquisas, Llompart i Moragues não encontra respostas mais conclusivas a respeito da origem deste cartógrafo, considerando não comum o nome Angelino entre catalães e que a grafia mais próxima encontrada em Maiorca seria Dolceti, não sendo, portanto, possível afirmar a origem catalã. O nome Dulcie ou Dolça aparece constantemente entre as mulheres da família de Cresques Abraham e é o mesmo da princesa de Provença, local de deslocamento da família de Cresques Abraham em direção a Maiorca.

Pujades I Bataller³⁹ considera o conjunto de elementos existentes na obra de Dulcetti, o chamado “padrão italiano”, como base da chamada escola maiorquina de cartografia, não considerando que houvesse uma atividade cartográfica na ilha anterior a esta carta. Ainda destaca semelhanças entre o programa pictórico da produção dulcetiana com a maiorquina de Cresques Abraham, principalmente em relação ao que chama de “Atlas catalão” (Ms. Esp. 30). Outra observação interessante a ser feita é que, dos 180 exemplares Portulano constantes do inventário apresentado por Campbell (1987), apenas 23 estão identificados como sendo produzidos em Maiorca e oito como sendo “catalães”, inclusive o Ms. Esp. 30, descrito como “Atlas com seis painéis” e os demais exemplares como “cartas individuais”, fortalecendo a hipótese de que seja único em sua forma.

É necessário destacar que a maioria dos estudiosos deste gênero cartográfico realiza suas análises considerando a descrição toponímica da produção e a constatação de que a cartografia produzida em Maiorca reutiliza e catalaniza a toponímia empregada em cartas italianas anteriores, o que os leva a afirmar a inexistência de uma produção autônoma anterior. A bibliografia selecionada, concordante com a afirmação de Campbell de que o “sangue vital das cartas Portulano é sua toponímia”, de maneira geral, apresenta longas páginas em que demonstra a evolução e a grafia dos locais

³⁹ PUJADES I BATALLER, op. cit., 2008, p. 27.

registrados nas cartas Portulano, comparando cartas italianas com cartas maiorquinas, concluindo filiações e temporalidade da peça analisada.

Seja como for, a produção documentada em Maiorca após Dulcetti tem sua base na produção relacionada a Cresques Abraham e seu “obrador”, existindo um hiato de 30 anos entre a presença de Dulcetti e a produção do Ms. Esp. 30. O hiato na produção foi de 1345 até 1368 quando se tem o registro de dois “obradores” cartográficos documentados na ilha, o de Guilhem Soler e o de Cresques Abraham. Como Cresques e Soler, em 1345, deveriam ter em torno de 15 anos de idade, Pujades i Bataller⁴⁰ levanta a hipótese da existência de um “obrador” intermediário, o de Guilhem Canterelles, documentado como “*bruixoler*” (produtor de bússolas) entre 1353 e 1362, tendo sua casa próxima ao local em que Dulcetti morou durante sua estada na ilha. Hipótese esta reforçada pela normativa instituída em 1359, por Pedro IV de Aragão, o Cerimonioso, que torna obrigatório o uso, em todos os navios catalães, de bússolas e duas cartas de marear.

Analisando o inventário de cartas Portulano, pode-se constatar que, das cartas maiorquinas remanescentes, apenas duas são assinadas e as duas por Guilhem Soler, confirmando a informação de que a produção do “obrador” de Cresques Abraham e seus seguidores não foi assinada. Guilhem Soler consta documentado, em 1368, como “*magister instrumenta navigandi*” e sua morte em 1401.⁴¹ É tido como um excelente iluminador, principalmente pela carta que se encontra na Biblioteca Nacional de França, sendo identificado como o “mestre cristão” mencionado na carta do rei João ao seu procurador na ilha na qual sugere que Guilhem Soler termine o mapa-múndi que Cresques Abraham realizava quando de sua morte.⁴² Mais nada se sabe sobre seu trabalho ou “obrador” e estudiosos italianos reivindicam sua nacionalidade ainda que seu patronímico, Soler, o vincule a uma região bastante importante da ilha de Maiorca, onde existia uma segunda sinagoga. Sua obra é apresentada como sendo dulcetiana, tanto em termos ilustrativos como toponímicos, menos desenvolvida do que a feita pelo “obrador” de Cresques Abraham.

Quanto ao “obrador” de Cresques Abraham podem-se ampliar os dados a respeito do esquema de produção estabelecido para a confecção deste gênero cartográfico e, de certa maneira, generalizá-los para os outros prin-

⁴⁰ PUJADES I BATALLER, op. cit., 2009.

⁴¹ LLOMPART MORAGUES, Gabriel, op. cit., 1997, p. 1124, documentado como morto, datado de 23.08.1402.

⁴² ACA, Canc, Reg. 1944, fol. 36v. de 26.03.1387.

cipais centros produtores deste período, ou seja, Gênova e Veneza, como apontam os documentos a seguir.

Um documento de 1390⁴⁵ revela um acordo entre Jafuda Cresques e Samuel Corços, encerrando a relação de aprendiz estabelecida entre eles. Jafuda é apresentado como “*magistro de cartas de navegar*”, transmitindo a arte de “*faciendi buxolas et illuminandi*”, ou seja, “fazedor de bússolas e iluminador”. Samuel Corços, após conversão, assumiu o nome de Macià de Viladesters,⁴⁴ autor reconhecido de pelo menos duas cartas do inventário maiorquino.

Com a saída de Jafuda Cresques e sua família de Maiorca, Macià, que terminara seu aprendizado em 1390, dá continuidade a tradição cartográfica em “obrador” independente até final de 1423, documentado tanto como “*bruxoler*” quanto como mestre de cartas. Como aponta a bibliografia selecionada, sua obra repete o padrão técnico dulcetiano, acrescido dos topônimos adicionados pelo “obrador” de Cresques, revelando forte influência do seu estilo iconográfico, porém com qualidade inferior por sua habilidade artística não ser comparável a Cresques Abraham ou Jafuda Cresques. É interessante notar, para constatar os altos preços que as cartas de luxo alcançavam, a compra documentada de uma casa por Macià no mesmo ano em que produziu sua carta mais luxuosa, 1413.

Joan de Viladesters, do qual se conhece apenas uma carta datada de 1428, pode ter sido familiar ou aprendiz de Macià, pois sua produção revela traços semelhantes aos dele, como a representação do monastério de Santa Catarina, a montanha e os dizeres relativos ao Sinai, ainda que apresente inovações em relação ao padrão utilizado, incorporando as inovações apresentadas por Beccario.

Na década de trinta do século XV, encontra-se documentada⁴⁵ a existência de um “*magister cartarum navigandi*” e “*bruxolerii*” de nome Rafel Lloret, que pode ter tido ligações com Guilhem Soler, pois existe documentação que comprova casamento de sua filha Margarida, em 1402, com certo Esteve de Lloret. A documentação não permite avançar na questão, uma vez que não constam vestígios da produção deste. Na mesma fonte, encontra-se referência ao “obrador” de Gabriel Soler, documentado como “*bruxolerii*” e “mestre de

⁴⁵ ARM. Prot. Not. Nicolau de Cases, N-2421 (1387-1391), fol. 123r-v de 30.03.1390: “*causa de serviendi vobis in omnibus negociis vestris licitis et honestis die noctuque pro posse suo vestrum commodum procurando et incomodum penitus evitandum, et causa etiam adiscendi a vobis literas et quod doceatis eum legere et officium vestrum dum vobiscum steterit*”.

⁴⁴ Citando QUADRADO, Jose Maria. *La juderia en Mallorca en el siglo XIV*, doc. 2. 1967, p. 349-350.

⁴⁵ LLABRÉS I QUINTANA, Gabriel. Galeria de artistas mallorquinos. *Boletín de la Sociedad Arqueológica Luliana*, n. 18, 1920-1921, p. 198-199.

cartas de navegar” a partir de 1446, também sem referências materiais de sua produção. Gabriel Soler aparece documentado na paróquia de Santa Creu junto a Gabriel Vallseca, produtor reconhecido da única carta ainda existente na Catalunha, datada de 1439, além de mais dois exemplares.

Gabriel de Vallseca foi documentado em 1433 como “*bruxolirius*” e em 1435 como “*magistro cartorum* de navegar”. Em seu testamento de 1467, se autotransclassifica como “*bruxolieris*”, solicita a sua esposa, testamenteira e herdeira, que sepulte seu corpo na igreja de Santa Maria da Graça, na cidade de Maiorca (hoje Palma), onde se encontram seus antepassados, a família Miro. Sabedor de que esta igreja era, desde 1410, propriedade da confraria de São Miguel, ou seja, a confraria dos antigos judeus antes da conversão forçada de 1391, Pujades i Bataller⁴⁶ afirma a condição de judeu converso ou filho de pais conversos de Vallseca, ainda que os dois documentos citados não confirmem esta condição. Outro elemento que confirma esta condição é a menção à “lei de Deus dada a Moises no monte Sinai”, que aparece em suas cartas. A documentação atesta a sua presença em Maiorca a partir de 1433 relacionando-o a “obrador” cartográfico e a outras atividades mercantis como compra de escravos e tecidos, que lhe proporcionam situação econômica bastante cômoda, com o registro de várias propriedades em Maiorca. Manteve sua atividade por 38 anos, transferindo seus negócios para o filho Joan.

É interessante notar que consta registro de compras de compassos de ponta em grande quantidade, comprovando que seu obrador manteve grande produção durante sua existência, uma vez que o compasso assim como a bússola fazia parte do “kit” obrigatório. Segundo estudo desenvolvido por Pujades i Bataller, a quantidade de cartas Portulano feitas pelo “obrador” de Vallseca poderia ultrapassar 2.000, o que leva a supor a existência de uma oficina bastante organizada e com vários trabalhadores. Em sua carta de 1439 estão pela primeira vez assinalados os Açores. Ainda aponta relações de Vallseca com outros cartógrafos pouco conhecidos como Antoni Piris e Jaume Bertram que, como será destacado mais a frente, podem ser relacionadas com a família de Cresques Abraham.

Em acréscimo aos inventários já realizados, Pujades i Bataller aponta a existência de duas cartas de Rafael Soler, uma assinada, que se encontra em Berlim, com características das obras de Guilhem Soler, possibilitando a hipótese de se tratar de filho ou neto do cartógrafo tido como cristão, e

⁴⁶ PUJADES I BATALLER, op. cit., 2009.

outra, não assinada, sob a custódia da Biblioteca Nacional de Paris, com características tão próximas à de Berlim que o leva a afirmar a mesma autoria. Além das características comuns às duas cartas, as descreve como cartas de semiluxo, pouca miniatura, legendas geográficas culturais, decoração heráldica e o uso abundante de folhas de ouro. Destaca a referência feita à legenda do monte Sinai, com dupla representação da igreja de Santa Catarina e a menção de sua morte pelas mãos dos anjos em contraposição à costumeira menção a Moisés feita pela cartografia cresquiiana. Aponta este fato como semelhante à referência feita por Guilhem Soler a Maomé como profeta falso dos sarracenos, com o objetivo de provar a procedência cristã de seu autor.

O hiato de tempo existente entre as figuras de Guilhem Soler e Rafel Soler foi preenchido há pouco por novos documentos que atestam a existência de Joan Soler, documentado a 10 de setembro de 1405 como “mestre de cartas de navegar”, atuando como testemunha na venda de um escravo e, em janeiro de 1409, em documento sobre questões de limites entre terras, também na paróquia de Santa Creu.⁴⁷

A partir destes dados, inéditos até então na bibliografia a respeito da produção cartográfica maiorquina, Pujades i Bataller concluiu afirmando a existência de um terceiro “obrador” de “cristãos velhos” na ilha. Afirma ser a condição cristã desta família, primeiro, pela carta de João I, na qual Guilhem Soler é mencionado como mestre cristão e depois, pelo fato de ser considerado em 1405 como um mestre, o que indicaria uma data de nascimento anterior às perseguições de 1391; se tivesse assumido o nome de converso de Soler, este fato teria sido registrado pelo notário que realizou os documentos, como ocorre em outros casos do início do século XV.

Como último representante da tradição cartográfica judaica em Maiorca é mencionada a obra de Petrus Roselli ou Pere Rossel, ainda que alguns o considerem de descendência italiana. Documentado a partir de 1450, é o autor com mais exemplares identificados no inventário apresentado. Tido como um seguidor do modelo de Beccario em relação ao padrão e às toponímias, tendo mencionado este cartógrafo em uma carta, apresenta características da produção maiorquina da época. Pujades i Bataller o tem como um continuador da obra de Vallseca. Quanto a Beccario teria o mérito de ter corrigido a escala e a posição das ilhas em relação ao Atlântico, que vinham sendo reproduzidas nas mesmas locações desde Dulcetti, através do padrão

⁴⁷ ARM. Protocolo, C-2477, f. 146, I P-667, f. 83r. In: PUJADES I BATALLER, op. cit., 2009, p. 84.

Portulano. Madurell i Marimon (1961) e Falks (1982) relacionam Abraham Vidal à família Bertram, documentada como produtores cartográficos em vários locais, entre eles, Genova e Veneza, durante os séculos XV e XVI.

Anotações finais

Este lento e repetitivo relato esboçado das diversas redes de ofícios e cidadãos ainda se mostra extremamente introdutória à quantidade de documentos editados, mas alguns indícios já podem ser destacados. O termo escola maiorquina de cartografia do século XIV, produtora das cartas Portulano que registram a abertura do mar Mediterrâneo em direção ao Atlântico e cujo padrão encontra-se presente nas primeiras cartas americanas, refere-se a uma produção realizada pela comunidade judaica maiorquina durante os séculos XIV e XV. As relações de trabalho aparecem como um misto de familiar e nacional, pois implicam as relações estabelecidas dentro de uma *aljama* que, necessariamente mantém relações com as outras comunidades judaicas existentes no espaço cartografado durante os séculos de expansão islâmica e a consequente reação da cristandade.

Podem-se perceber, ao longo deste texto, os elementos necessários para essa produção, desde os conhecimentos técnicos científicos, com a presença de astrônomos, matemáticos, técnicos no uso no instrumental necessário para observações, medições e atualizações dos dados conhecidos, como aparece nas atualizações de dados feitas por Corsino para a carta de Cresques Abraham e nas cartas de Beccario em relação aos Açores e Canárias. Também estão presentes os materiais necessários para o registro destes conhecimentos em suportes produzidos na ilha, como pergaminhos e, provavelmente, papéis, além dos pigmentos para a confecção das tintas, tanto para escrever como para iluminar.

Quanto à circulação desta mercadoria, encontram-se sinais evidentes de sua utilização pelas instituições interessadas na expansão comercial de seus territórios como também indícios de um comércio em função de outros grupos sociais como marinheiros, pilotos etc. Também é forte a presença de mercadores judeus que carregam consigo em seus navios os estudiosos necessários para anotações nas cartas Portulano, pois tanto as observações astronômicas como seu registro em padrões cartográficos não podem ser feitas por leigos no assunto.

É interessante notar, para finalizar esse artigo, que foi constatado esquema parecido de produção tanto em Portugal como na Espanha durante os séculos XVI e XVII, com uma importante diferença, pois agora as famílias

produtoras encontram-se mais fortemente relacionadas com os Estados nacionais do que com as comunidades produtoras de conhecimento que tanto atuaram durante os séculos XVI/XV pela Europa ocidental.

Referências bibliográficas

- AGUILÓ, Estanilas. Inventari de la Heretat y libreria del metje juheu o Lléo Mosconi. (1375). *Boletín de la Sociedad Arqueológica Luliana* X, Maiorca: Sociedade Arqueológica Luliana, 1903, p. 80–91, 106–112, 140–151 y 196bis. Reprodução do artigo publicado na *Revue des Études Juives*, Paris, XXXIX, 1899; XXXX, 1900; XXXXII, 1901. Com participação de Israel Levi e Moritz Steinschneider e Meyer Kayserling.
- BUCHON, Jean Alexandre C. *Notice d'un atlas en langue catalane manuscrit de l'an 1375 conservé parmi les manuscrits de la Bibliothèque Royale sous le numéro 6816*. Paris: Biblioteca Nacional da França, 1838. Prefácio à primeira edição do Manuscrito Espanhol 30.
- COENE, Karen de; MAYER, Philippe de; REU, Martine. *Liber Floridus 1121: The world in a book*. University Library: Lanoo Publishers (Acc), 2011. [Ms. 92. Ghent. *Liber Floridus 1121* Ghent City Museum].
- FALL, Yoro K. *L'Afrique à la naissance de la cartographie moderne. Les cartes majorquines: XIV-XV siècles*. Paris: Karthala, 1982.
- FITA, Fidel. Privilegios hebreos mallorquines en el Códice Pueyo. *Boletim de la Real Academia de História*, n. 36, 1900.
- GARCIA, João Carlos. Um castelo de cartas antigas. In: COELHO, Teresa Pinto (co-ord.). *Os descobrimentos portugueses no mundo de língua inglesa (1880-1972)*. Lisboa: Edições Colibri, 2005 (Coleção Relações Luso-Britânicas).
- JOLY, Fernand. *A cartografia*. Tradução de Tânia Pellegrini. São Paulo: Papirus/ Presses Universitaires de France, 1990 [1ª edição: 1985], p. 9.
- LLABRÉS I QUINTANA, Gabriel. Galeria de artistas mallorquinos. *Boletín de la Sociedad Arqueológica Luliana*, 18, Maiorca: Sociedade Arqueológica Luliana, 1920–1921, p. 198–199.
- LLOMPART I MORAGUES, Hernandez. Estudi historicoartistic. In: URGELL DE HERNANDEZ, Ricard (dir.). *Llibre dels reis: Llibre de franqueses i privilegis de Mallorca. Códex 1 de l'Arxiu del Regne de Mallorca: estudis i transcripció*. Palma de Mallorca: Universidad Illes Balears, 2010, p. 111–141.
- NOGUEIRA, Magali Gomes. *O Manuscrito Espanhol 30 e a família de Cresques Abraham. Um estudo sobre as fontes da cartografia maiorquina*. Tese de doutorado, Departamento de Geografia Humana, FFLCH, USP, 2013.
- PUJADES I BATALLER, Ramon Juan. La fascinació per l'Atles català. In: *El mon i els dies. L'Atles català*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, SAU, 2008.
- _____. *Les cartes portolanes. La representació medieval d'una mar solcada*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, SAU, 2008^a.
- _____. *La carta de Gabriel de Vallseca de 1439*. Barcelona: Lumenartis. 2009.
- QUADRADO, José Maria. *La juderia en Mallorca en el siglo XIV*. Barcelona: CSIC, 1967.

- RANGLES, William Graham Lister. The alleged nautical scholl founded in the fifteenth centyry at Sagres by prince Henry of the Portugal, called the “Navigator”. *Imago Mundi*, vol. 45, 1993, p. 20–28. Disponível em: www.jstor.org/stable/1151158.>. Acesso em: 09.12.2009.
- REY PASTOR, José & GARCIA CAMARERA, Ernesto. *La cartografía mallorquina*. Madri: CSIC. 1960.
- RIERA I SANS, Juan. Cresques Abraham, jeue de Mallorca, mestre de mapamundis i de bruixolas. In: *L'Atlas català*. Barcelona: Diafora S.A, 1975, p. 20–57. Disponível em: www.cresquesproject.net. Acesso em: 12.05.2010.
- _____. Cent trenta-nou volums de llibres d’um jueu mercader i talmudista: Mossé Almatèri (1362). *Sefarad*, vol. 68, p. 1, Barcelona, jan.jun. 2008, p. 15–35. Disponível em: www.sefarad.com. Acesso em: 17.01.2012.
- ROTH. Cecil. a master of medieval Spanish-Jewish art in the Kennicot Bible. *Sefarad*, XII, Madri-Barcelona, 1952.

Recebido: 04/08/2016 – Aprovado: 03/05/2017